

**ROTEIRO DE PESQUISA: INDUSTRIALIZAÇÃO E IMPERIALISMO**

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_ GRUPO: \_\_\_\_\_

Início roteiro: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Término roteiro: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_



**Objetivo geral:** Estudar os processos gerais de transformação causados pela segunda revolução industrial e a corrida imperialista dos países industrializados.

OBJETIVOS	ATIVIDADES	FONTE DE PESQUISA	AVALIAÇÃO DO EDUCADOR
1. Estudar o relevo, hidrografia e climas do continente europeu.	Ler módulo 5: p. 127-130. Ler clima e formações vegetais, p. 130-134. Fazer atividade p. 135.	Geo 9	
2. Compreender as mudanças que a segunda revolução industrial trouxe para a economia e a sociedade dos países industrializados	Ler tema 1: a segunda revolução industrial, p. 18-21. Responder a questão da p. 18 e a questão 1, p. 42. Ler tema 2: o trabalho e a vida nas sociedades industriais, p. 22-25. Responder a questão da p. 22 e questão 6, p. 43. Ler tema 3: o capital financeiro e a expansão imperialista, p. 26-27. Responder a questão da p.26.	Hist. 9	
3. Estudar o relevo, hidrografia, climas vegetação do continente africano	Ler módulo 6, pp. 161-165. Fazer atividades 1-3, p. 171. Ler clima e formações vegetais, p. 166-170. Fazer atividades 4-8, p. 171.	Geo 9	
4. Entender sobre o imperialismo europeu na África.	Ler tema 4: a expansão imperialista na África, p. 28-29. Ler páginas 30-31 e fazer as questões de 1 a 4.	HIST 9	
5. Estudar o colonialismo holandês e inglês no sul da África	Ler o anexo e responder as questões: 1- Quais os povos africanos que holandeses e ingleses fizeram guerra para conquistar o sul da África? 2 - Explique o que foram as guerras dos Bôeres e suas consequências. Explique as consequências da criação da União-Sul Africana, no início do século XX, para os povos africanos desse novo país.	ANEXO I	
6. Estudar a resistência africana à dominação imperialista	Ler a resistência africana à dominação imperialista, p. 32-33. Fazer questão 2, p. 42.	HIST. 9	

7. Estudar o relevo, hidrografia, climas vegetação do continente asiático	Ler módulo 7, p. 201-205. Atividade. Ler clima e formações vegetais, p. 206-211. Fazer atividades p. 214.	Geo. 9	
8. Entender sobre o imperialismo europeu na Ásia.	Ler tema 5: o domínio imperialista na Índia e na China, p. 34-36. Fazer questões 3 e 4, p. 42.	HIST. 9	
9. Estudar o imperialismo japonês na Ásia.	Ler o anexo e responder a questão: Quais os países ou regiões ocupadas pelos japoneses em sua expansão imperialista?	Anexo II	
10. Entender o que são Blocos Econômicos e seus níveis de integração.	Ler págs. 74 a 76. Resolver os exercícios 3 e 4 pág. 80.  Ler págs. 82 a 89. Resolver os exercícios 1 a 5 da pág. 92.	Geo. 9	

## A ÁFRICA DO SUL E O COLONIALISMO

No extremo sul do continente, a evolução histórica seguiu caminhos próprios. O colonialismo colocou brancos contra brancos, e acentuou a distância entre brancos e negros. Mas em última instância, também ali as desigualdades e diferenças de cor provocaram a exclusão da maioria da população. Como se viu no capítulo anterior, a relação entre os colonos bôeres e os ingleses era marcada pelo enfrentamento desde o início do século XIX, quando a Inglaterra se estabeleceu na condição de metrópole. A presença britânica contribuiu para cristalizar a identidade dos bôeres, que reivindicavam para si o pioneirismo e a liderança nas terras ocupadas a partir da cidade do Cabo até a região do Transvaal, onde se confrontaram com os povos negros de etnia shosa. A partir de meados do século XIX, os bôeres tenderam a se autodenominar *africanders* (ou *afrikanders*, *afrikaners*), que designa a comunidade de origem européia (diferente, portanto, das populações locais “de cor”) radicada há muito tempo da África e adaptada ao seu meio ambiente (diferentes, portanto, dos ingleses). A disputa pela ocupação do espaço que tinha motivado as “guerras cafres” contra os shosas teve sua continuidade numa série de conflitos conhecidos como “guerras dos bassutos”, ocorridas nas décadas de 1850 a 1870. Através delas, os bassutos, povos negros de origem banto, opuseram-se tanto aos bôeres quanto aos britânicos pelo controle de terras de cultivo e de pastagem. Essa sequência de conflitos se encerrou com a “Guerra das Espingardas”, entre 1879-1881, que obrigou os ingleses a reconhecer os direitos ancestrais dos bassutos à suas terras no reino do Lesotho. Os conflitos também opunham os ingleses aos zulus remanescentes do reino de Chaka. Em 1879 o rei Ketshwayo infligiu às forças britânicas a pesada derrota na batalha de Insandlwana, com 1.600 mortos. Logo depois, para se vingar, o exército britânico invadiu a cidade de Ulundi, que era capital do reino zulu, incendiando-a e levando seu rei em cativeiro. Nas décadas finais do século XIX teve início a exploração das minas de ouro e de diamantes localizadas na região do Transvaal pelas companhias inglesas. Foi o que motivou os protestos e revoltas conhecidas como guerra dos Bôeres, ocorridas entre 1880 e 1881 e depois entre 1889 e 1902. Elas fortaleceram a identidade *africânder* e abriram caminho para independência, levando a criação da União Sul-Africana, e a autonomia definitiva conquistada em 1910. Desde a independência da União Sul-Africana, o país permaneceu sob controle *africânder*, e uma série de medidas restringiu os direitos civis da população negra. Entre elas estava o *Native Labour Act*, de 1913, que estendeu aos trabalhadores urbanos o sistema de submissão já existente na área rural, reservando aos brancos as tarefas especializadas. Em 1923, o *Native Urban Act* limitou a possibilidade de os negros se instalarem em cidades consideradas redutos dos brancos. Abria-se dessa forma, o caminho para o regime conhecido como *Apartheid*, oficializado em 1948. Através dessa política sustentada pelo Estado, a União Sul-Africana passou a ser constituída por uma série de nações distintas, uma composta por brancos e oito compostas por negros, que deviam viver em seus próprios territórios, separadas umas das outras. Os *bantustões*, termo empregado para designar as circunscrições reservadas às populações das diferentes etnias negras (*shosa*, *tswana*), não dispunham de autonomia política, sendo dependentes das determinações tomadas pelo governo *africânder* sediado na cidade de Pretória. E suas populações, para ter livre trânsito, necessitavam conseguir permissão para isso, através da obtenção de passes ou salvo-condutos. Em 1961, quando a União Sul-Africana

adotou o nome de República da África do Sul, o resultado do Apartheid era uma divisão político-territorial e social que, por si mesma, revelava a profunda desigualdade então existente: dos 1,2 milhão de km<sup>2</sup> totais do território, tou de princípios racistas, segregacionistas, numa espécie de cerca de 1 milhão de km<sup>2</sup> era ocupado pela população branca de aproximadamente 3 milhões de pessoas; enquanto isso, nos 200 mil km<sup>2</sup> restantes ficavam limitados, e divididos em comunidades miseráveis, aproximadamente 10 milhões de africanos de origem banto. O que se teve nesse caso, portanto, foi um regime político autônomo dentro do continente africano que se alimentou de princípios racistas, segregacionistas, numa espécie de “colonização interior”.

MACEDO, José Rivair. História da África. São Paulo, ed. Contexto, 2013, pg 148-150.

## ANEXO II

### Império Colonial Japonês

*Por Emerson Santiago*

A **expansão colonial do Japão** deu-se no curto período de cerca de 50 anos, de 1895 a 1945, e é o resultado da busca do país em se equiparar às grandes potências da época, também dedicadas à expansão, [militarismo](#) e busca de áreas de comércio para os produtos locais. Esta política expansionista tem suas origens na "**Restauração Meiji**", ponto importante de mudança na história japonesa, que resgatará o sistema de governo direto do imperador (por isso restauração), acabando com séculos de ditadura militar "de facto" dos xoguns, chefes que na prática exerciam o poder, relegando o monarca a uma posição meramente figurativa.

Assim, o **Imperador Meiji** (título honorífico de Mutsuhito) assume o poder em 1868, fazendo uma mudança fundamental ao acabar na prática com o feudalismo reinante, trazendo o Japão à modernidade. Imbuído desse espírito, este passará de mera sociedade agrícola, atrasada, a uma posição de destaque no cenário mundial. Obviamente, para a época, se o Japão quisesse se tornar uma verdadeira potência, teria que conquistar territórios; conseqüentemente, tal projeto envolveria guerras, e para isso, ocorre um investimento pesado no setor militar. O alvo previsível dessa nova potência com desejos expansionistas seria a fraca e debilitada China, que não oferece maiores resistências, e na [Primeira Guerra Sino-Japonesa](#) (1894-1895) Taiwan, as ilhas Pescadores e a península de Liaodong (próxima à atual Coreia do Norte) são conquistadas e inicia-se a influência sobre a Coreia.

O próximo oponente a ser vencido seria o Império Russo, na [Guerra Russo-Japonesa](#) de 1904-1905 pelo controle da Coreia, parte da ilha de Sakhalin e da Manchúria. Os súditos nipônicos conquistariam uma vitória inédita que repercutiria no mundo todo, pois até aquela data nenhum povo asiático havia vencido uma potência europeia em uma guerra formal. A partir de então o Dai Nippon Teikoku (Grande Império Japonês) seria membro efetivo do seleto grupo das grandes potências mundiais. A anexação formal da Coreia (protetorado desde 1905) dá-se em 1910.

Em 1912, novo monarca sobe ao trono, o Imperador Taisho (Yoshihito), levando o Japão à [Primeira Guerra Mundial](#). A guerra se tornaria bastante proveitosa aos japoneses, ao declararem guerra à Alemanha, auxiliando

os aliados no Mediterrâneo e Pacífico. Como recompensa pela participação na guerra, o [Tratado de Versalhes](#) consagrou ao país o Mandato do Pacífico Sul, sob supervisão da [Liga das Nações](#), confiando ao Japão a administração de várias ex-colônias alemãs na Oceania. Os territórios deveriam ser preparados para uma futura independência, não se admitindo qualquer exploração colonial, o que não ocorreu na prática. Eram parte desse mandato os atuais [Palau](#), [Micronésia](#), [Ilhas Marshall](#), além de Ilhas Marianas do Norte, sob administração dos EUA.

Finalmente, o Imperador Showa (Hiroito), último governante do país como potência colonial sobe ao peder em 1926. Os partidários do militarismo, bem como os ultranacionalistas ganham cada vez mais força, levando o Japão à [Segunda Guerra Sino-Japonesa](#) (1837-1945), ao estabelecimento de um estado fantoche na Manchúria, e finalmente, a aliança com Alemanha e Itália formando o [Eixo](#) Roma-Berlim-Tóquio na [Segunda Guerra Mundial](#). Durante o conflito global, o Japão ocupará extensas áreas do sudeste asiático e pacífico sul, às custas de França e Grã-Bretanha, desgastadas com a frente europeia. São incorporados ao Império várias partes do litoral da China, Hong Kong, Macau, Filipinas, Indonésia, Camboja, Vietnã, Cingapura, [Brunei](#) e Timor, onde vários governadores nipônicos ou simpáticos aos japoneses são instalados. Em 1942, o Império Japonês atinge sua maior dimensão, com cerca de 7.400.00 km<sup>2</sup> (a área territorial brasileira é de 8.514.877 km<sup>2</sup>, para comparação). Mas, com o [bombardeamento de Pearl Harbor pelo Japão](#) no fim do mesmo ano, os EUA entram na guerra e forçam o recuo japonês, que perderá seu império e será ocupado por forças americanas até 1952.

#### Bibliografia

GORDON, Bill. Explanations of Japan Imperialistic Expansion, 1894-1910 (em inglês). Disponível em <http://wgordon.web.wesleyan.edu/papers/imperialism.htm> . Acesso em 11/06/2011.

Japanese Imperialism & Colonialism From the Meiji Period Through Taisho and Early Showa (em inglês). Disponível em <http://www.japanvisitor.com/index.php?cID=403&pID=2567> . Acesso em 11/06/2011.